

Ressonâncias de uma Observação

Regiana Lamartine Rodrigues¹, Belo Horizonte.

Resumo: O presente artigo fará uma interlocução entre o trabalho de observação da relação mãe-bebê e a clínica psicanalítica, suas contribuições e reverberações, como também o aporte emocional e vivencial que a observação traz para o conhecimento teórico, o desenvolvimento e a capacitação da função psicanalítica do psicanalista-psicoterapeuta.

PALAVRAS-CHAVE: observação, relação mãe-bebê, psicanálise, clínica, persecutoriedade.

Introdução

Na busca para aperfeiçoar minhas habilidades como psicoterapeuta e ser capaz de compreender ainda mais a comunicação de meus pacientes, por meio de gestos, comportamentos, emoções, sentimentos, linguagem verbal e não verbal, propus-me a desenvolver a função de observador psicanalítico. Para isso realizei o trabalho de observação da relação mãe-bebê, pautado no método psicanalítico, desenvolvido por Esther Bick (2019). Este foi supervisionado pela Psicanalista Marisa P. Mélega (SBPSP²), no Centro de Estudos das Relações Mãe-bebê-Famílias em São Paulo - SP, de março de 2017 a março de 2018.

Neste artigo, pretendo contar, após um tempo de distanciamento da experiência de observação da relação mãe-bebê, quais “teorias” pude compreender, as mudanças de hipóteses que me ocorreram e como o tripé da psicanálise (Freud, 2010/1919) foi ainda mais internalizado por mim. Talvez, na ocasião, não pudesse ver todos os detalhes por estar perto demais da vivência.

1 Psicóloga, candidata em formação da SBPMG.

2 Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Regiana Lamartine Rodrigues

Muito antes de pensar em realizar e tampouco saber da existência da observação da relação mãe-bebê, em uma das muitas supervisões que fiz com a psicanalista Aida Divina F. Ribeiro (SBPSP), no início de minha trajetória clínica, escutei: “Para Bion, na sala de análise existem dois perdidos, analista e paciente, mas se ambos procuram por algo, possivelmente, irão encontrar”. No trabalho de observação, esse aspecto também se faz presente, uma vez que analista e mãe ainda não sabem como desempenhar seus papéis de observador e observado.

É importante ressaltar que ser mãe não é tarefa fácil, uma vez que esta função proporciona muita expectativa e culpa. Propor-se a ser observada e colaborar com a formação profissional de outro é um desafio, no qual aspectos positivos e negativos coexistem, isto é, faz-se crucial tê-los em mente na tentativa de nos aproximarmos do clima emocional do “ser mãe” e do “ser observado”.

Desenvolvimento

Para o leitor compreender a jornada que estou prestes a fazer com a minha experiência, faz-se necessário contar, brevemente, algumas das características da mãe observada. Darei um nome fictício a ela.

No primeiro contato informal com Áurea, mãe de duas meninas, uma de um ano e outra recém-nascida, ela se mostrou muito disposta e tranquila. Digo isso, devido a sua prontidão em aceitar participar da observação e das poucas dúvidas que aparentava ter em relação a isso. Porém, nas visitas iniciais de observação, recebia-me com indiferença e, por vezes, era assim que tratava o novo bebê. Nos primeiros dias de vida da sua caçula, apresentava-se voltada para si: fazendo unha, encontrando-se com amigas e recebendo visitas.

Ademais, um fato interessante era que Áurea participava de um grupo de mães e bebês, os quais tinham a mesma idade, momento em que elas compartilhavam dificuldades relacionadas aos seus bebês, marido, escola, dentre outras. Esses encontros eram comuns desde a sua primeira gestação e, posteriormente, se tornou parte das minhas visitas. As mães se reuniam semanalmente, cada vez na casa de uma delas, e Áurea fazia coincidir as visitas de observação com os encontros de mães (e seus respectivos bebês) no mesmo dia e horário.

Ressonâncias de uma Observação

Nas visitas, havia sempre um tumulto que me dificultava observar. Era de se esperar dificuldade no trabalho de observação; afinal, havia ali uma dupla que acabara de se conhecer e uma terceira, a observadora, também conhecida há pouco tempo. Nesse caso, havia muito mais que uma dupla e um terceiro, pois durante muitas visitas havia muitas mães e muitos bebês. No meio dessa confusão (fusão-com), uma única dupla me interessava, porém, com tantas distrações, eu pouco a enxergava. Diante da situação que se apresentava, procurei, aos poucos, construir um espaço próprio, meu com a mãe e seu bebê. Falarei disso mais tarde.

A partir deste momento, farei a descrição de algumas visitas que considere pertinentes para este artigo.

Na visita de número 5, o bebê estava com um mês e treze dias. Pouco antes do horário, ligo para Áurea para confirmar o nosso encontro. Esse procedimento era constante. Áurea ratifica e acrescenta que vai receber as amigas e seus respectivos filhos em sua casa no mesmo horário. Pergunta-me se eu me importo, respondo que não e me certifico de que ela e o bebê estariam presentes. (Concordo por receio de Áurea desmarcar). Chego em torno de cinco minutos após encerrar a ligação, vejo Áurea na janela da casa, chamo por ela e entro. Vejo que o bebê está deitado, bem acomodado, em sua cadeirinha de descanso que está em cima do sofá. A irmã mais velha também está na sala brincando. Quando cheguei, a irmã ficou me olhando e se escondendo de mim. Sento-me no sofá ao lado do bebê e fico observando-o. O bebê começa a chorar. Áurea coloca-lhe a chupeta na boca e ele para de chorar, sugando-a. Percebo mudanças no bebê: está mais gordinho e com o rostinho diferente. Comento com Áurea que o bebê está diferente. Ela diz: “Você viu como ela está?! Tem dois queixos! Agora só quer colo”. Áurea pega a filha no colo e continua: “Já era para ter dado o banho nela, mas não deu tempo. Vou esperar algumas das meninas chegarem para ficar com a mais velha e eu poder dar o banho”. Assim ela coloca o bebê na cadeirinha novamente. Ela fica quieta, me parece tranquila, a chupeta cai e o bebê chora. A mãe coloca a chupeta na boca do bebê novamente. O bebê me olha e eu fico olhando para ele, e a irmã continua na sala brincando.

Segundo Winnicott (2000/1945), é na monotonia que o processo do desenvolvimento do bebê acontece e, até neste momento, as descrições feitas neste trabalho, acerca da observação da relação mãe-bebê, são corriqueiras e aparentemente monótonas.

Regiana Lamartine Rodrigues

Áurea sai da sala para receber uma amiga que chegara. Neste curto espaço de tempo chegam mais quatro amigas com seus filhos. As mulheres cumprimentam o bebê e a irmã mais velha e também a mim. Uma delas pediu à Áurea que a deixasse pegar o bebê. Autorizada, sai para lavar as mãos. A chupeta do bebê cai e vai para o chão. Outra amiga pega a chupeta e coloca-a na cadeirinha em que o bebê está sentado. A que foi lavar a mão retorna e pega o bebê no colo, ficando um bom tempo com ele. Ela sai da sala de TV, adentrando a casa. Aguardo. Retorna e fica na garagem onde ainda posso vê-las da sala. Vou à garagem. Chegam mais amigas com seus filhos. A observação fica muito tumultuada, é difícil capturar algo frente a todo esse tumulto. As crianças brincam na garagem e as mães conversam. Na sala de jantar, que também dá para a garagem, outras mães fazem lanche. Procuo focar no bebê, ele continua no colo da mesma pessoa. Esta modifica a posição dele, coloca-o de frente, pendurado por um braço – como um canguru. O bebê está de olhos bem abertos. A movimentação na casa é grande. Depois de certo tempo, o bebê começa a chorar. A mulher pega a chupeta e coloca-lhe na boca, dando-me a impressão de estar pressionando a chupeta enquanto o balança em seu colo. (Penso que esta ação não seja adequada). O bebê adormece. Um tempo depois, a amiga pede à Áurea um carrinho mais alto para colocar o bebê, justificando que assim as outras crianças não o incomodariam. Áurea traz o carrinho e deixa-a na sala de jantar. O bebê ali é colocado e continua dormindo.

Nesta ambiência, me impressiona o bebê conseguir dormir, e lembro-me do artigo de Kirchbaum (2008) que pontua a necessidade de o bebê dormir no início da vida. Dormir funciona como uma defesa aos muitos estímulos com os quais ele ainda não sabe lidar. Talvez por isso o bebê tenha dormido no meio da barulhada?

O bebê continua dormindo, sua mãozinha está para cima, ficando assim durante algum tempo. Uma criança para ao lado e fica olhando para o bebê. Outra chega e o toca; e a menina continua tranquila. Em outro momento, uma criança esbarra no carrinho. O bebê se assusta, treme o corpinho, se contorce, faz um movimento como se fosse levantar o corpo, abre os olhos, espreguiça-se, faz uma careta como se fosse chorar, mas faz uma expressão de riso. Estou olhando para o bebê, ele me olha com a expressão de riso, sorriso de volta, ele faz outra careta. (Indago: Não sou a mamãe?). Ele levanta os bracinhos, abre a boquinha, contorce o corpo, a boca, tenta levantar, espreguiçando-se. Áurea não estava por perto. Havia muitas pessoas conversando na sala, mas ninguém parecia perceber que o bebê havia acordado.

Ressonâncias de uma Observação

Ele então começa a chorar, um choro bem baixinho. Áurea chega à sala de jantar. O choro aumenta. Ela percebe que o bebê acordou, vai até ele e o pega no colo. Ele já está completamente acordado e chorando. A mãe lhe oferece a chupeta. A observação se encerra neste momento.

Minha hipótese inicial era de que Áurea, nos primeiros dias de vida da sua segunda filha, apresentando-se ora voltada para si, ora se encontrando com as amigas, poderia estar em um estado de mania, acredito que para se defender da depressão. Após certo distanciamento, avalio que não levei em consideração um aspecto delicado e que nos acompanhava: a persecutoriedade (Klein, 1991/1946), uma vez que Áurea apresentava-se muito preocupada com meu relatório.

Nas visitas em que o bebê dormia, ela julgava não haver material para eu observar e relatar. Em outros momentos, contava-me episódios em que ela havia feito alguma coisa com o bebê, julgados por ela mesma, inadequados, para que eu registrasse como material para as minhas observações. Será que a sua “persecutoriedade” estava mais alta devido ao receio de ser julgada? Mesmo eu esclarecendo que estava ali para aprender com ela? Ou seria um aspecto forte de sua personalidade?

Diante disso, na conjuntura atual, é possível fazer uma analogia com algumas visitas feitas como um show de mágica, em que o mágico tenta distrair o público com o intuito de sustentar a ilusão, mantém o foco em outro elemento do show para que seu truque não seja revelado e a magia possa acontecer. Conjecturo que Áurea usou da mesma estratégia para me distrair, quando se encontrava com tantas outras duplas de mães-bebês ao longo das visitas, querendo mostrar e esconder, isto é, a ambivalência se fazia presente. E o que não poderia ser percebido por mim? Devido à persecutoriedade, a mãe escondia alguns elementos? Imagino que para responder tais perguntas precisaria de muito mais tempo com a dupla.

Em outra visita ocorreu um fato curioso. Nesta, o pai e uma tia-avó do bebê também estavam presentes. A fim de não identificar o pai, darei um nome fictício a ele.

Na visita de número 6, o bebê tinha um mês e vinte dias. Joel chega em casa do trabalho. Pergunta à Áurea se ela não vai oferecer nada de comer para a visita, que era eu. Esta responde que já oferecera. (Questiono: Será que Áurea não contou sobre a Observação para o marido?). Joel me parece desconfortável, sem saber o que estava acontecendo. Áurea diz:

Regiana Lamartine Rodrigues

“Acabou que não contei nada para ele da observação. Explica, Regiana!”. Comento rapidamente que estou fazendo um curso de Observação da Relação Mãe-Bebê e que Áurea aceitou participar. A tia complementa dizendo que é uma pós-graduação. (Não corrijo, pois sinto que não cabem muitas explicações). Informo que é um curso em São Paulo – SP, que vou para lá uma vez por mês e que venho aqui uma vez por semana durante uma hora. Áurea pergunta se ao final do curso haverá um feedback para a mãe. Respondo que não. A tia complementa: “E para esse bebê aqui, se ele tiver algum problema?”. Áurea responde: “Lógico que não tem, ela é muito boa, ela é muito boa”. (Sou tomada pelo receio de os pais interromperem o trabalho, por não receberem algo em troca, concretamente, em forma de um relatório).

Após algum tempo do término da observação, encontrei Áurea, Joel e as crianças. Nesse encontro casual, contaram-me o que consideraram um episódio engraçado referente à visita de número 6. Joel descreve que, quando chegou na sala de sua casa, achou estranho ver todos calados, ninguém interagiu e eu não aceitava nada para comer, não conversava.

Ele me confidenciou ainda que, naquele dia, pensou que estava acontecendo um assalto ou um sequestro em sua casa e uma de suas filhas era refém, mas logo depois todos os seus medos foram esclarecidos, como exposto no relato da observação. Saber desse devaneio do Joel me fez pensar na persecutoriedade novamente, o quanto ela está presente em significativos momentos e perpetuava (perturbava?) o clima da família e a mim.

Ao longo do trabalho, apesar da colisão entre minhas visitas e o grupo de mães, dos desencontros e descompromissos com os horários, da necessidade de confirmação de cada novo encontro, o trabalho se estabeleceu. Para tal, cuidei da minha persecutoriedade que se apresentava como fantasia de interrupção da observação, passei a não atender às demandas da mãe. Começamos, então, a estabelecer dias e horários fixos para as minhas visitas e, quando a mãe não estava em casa no dia combinado, eu deixava um bilhete na caixa dos correios para contar que estive ali, marcando minha presença.

Tal atitude teve uma função estruturante para a continuidade do trabalho. Logo, presumo que minha persistência fez uma demarcação simbólica de minha existência para a Áurea e possibilitou, aos poucos, que ela desenvolvesse um vínculo de intimidade e confiabilidade para comigo. Com isso, minha presença foi ficando menos ameaçadora para a mãe e nas visitas havia cada vez menos pessoas. Assim, consegui ver a dupla.

Ressonâncias de uma Observação

Além disso, muitas vezes me sentia perseguida, perdida, com receio de a família não querer mais participar do trabalho de observação. Eu desejava muito estar ali e os limites impostos a mim e à mãe possibilitaram surgir também o desejo de Áurea por este trabalho e dessa forma ele ser restabelecido.

Considerações finais

Os efeitos da observação da relação mãe-bebê na minha clínica foram inúmeros. No entanto, não conseguirei pontuar todas as reverberações que o trabalho me trouxe, pois acredito que ainda não pude perceber todos. A experiência de observar sistematicamente o desenvolvimento da relação mãe-bebê é tão intensa que imagino sentir continuamente suas implicações por todo o meu trabalho clínico.

A função de observador psicanalítico proporcionou-me, como psicoterapeuta, aguçar a forma como observo aqueles que procuram minha mente para ajudá-los a pensar. Ao observar passei também a me observar. Entendi, compreendi e internalizei que, em se tratando de psicanálise, não se pode ter pressa para achar o lugar de observadora, psicoterapeuta, analista e supervisora, já que se trata de um processo de longo prazo e faz parte sentir-se perdido, porém com o objetivo de encontrar. O encontro é bastante complexo. Diante disso, é necessário tempo para conseguir olhar minuciosamente para as riquezas dos detalhes.

Quantos aspectos na observação ficaram de fora ou foram mal vistos? Se naquela época eu já tivesse mais experiência e tempo para observar as turbulências e tudo mais que ocorreram na observação, com certeza teria percebido mais detalhes e de tantas outras formas.

No trabalho analítico tenho sempre comigo a resistência, pedra angular da psicanálise, processo que mantém ocultas percepções que causam sofrimento. Quão difícil é “baixar a guarda” e revelar o que nos adoce. Pouco me lembro da persecutoriedade, sempre presente, em maior ou menor grau, dependendo do estado de mente, oscilante. Minha hipótese não estava muito distante. Consoante Bion (2004, p. 53), “o paciente é perseguido por sentimentos de depressão e deprimido por sentimentos de perseguição”. Esse é, portanto, um ponto crucial e de grande valia para a minha prática clínica, uma vez que o trabalho de observação me fez compreender a importância de trabalhar a persecutoriedade, elemento corriqueiramente presente, assim como a resistência.

Regiana Lamartine Rodrigues

Após a observação e certo distanciamento desta, podendo viver e realizar a função de observador psicanalítico, passei a observar ainda mais minha função de analista. As pontuações de Freud (1969/1937), para aqueles que querem exercer a psicanálise, tornaram-se ainda mais vivas e significativas para mim, em especial a mais básica: "... onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará em sua profissão? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa sua preparação para a futura atividade" (p. 282).

Ainda segundo Freud (1926/2010), para se tornar analista, deve o indivíduo se submeter à análise didática, pois somente no decorrer da análise que se vivencia, na própria alma, os processos postulados pela psicanálise e os adquire para o exercício da profissão. Portanto, acredito que para trabalhar com os aspectos mais primitivos da personalidade seja básico propor-se primeiro observar o início da vida psíquica. Sendo assim, o trabalho de observação não deve se restringir apenas àqueles profissionais que realizam atendimento infantil, pois tornar-se um observador psicanalítico é eficaz para a prática clínica e os aspectos que a envolvem: o cuidado, a disciplina, o envolvimento, a paciência e a tolerância.

Logo, levando em consideração a questão do tempo, não é despropositada a necessidade das quatro sessões semanais para a formação de psicanalistas. Afinal, não é possível ver e entender tudo em um só momento; aliás, tudo nunca será possível, visto que o nosso trabalho é artesanal, minucioso, delicado e passível de despertar muitas angústias. Assim, a observação, a análise, a supervisão e a compreensão da teoria, especialmente a clínica, são lentas, por isso é primordial muitos encontros de constância, para acompanhar e, então, transformar.

Destarte, é fundamental que analistas e psicoterapeutas tenham cautela em suas conclusões ao trabalhar as resistências, as ansiedades e a persecutoriedade. Faz-se fulcral, também, termos fé, a fé de acreditar que o nosso paciente é capaz de se adaptar à realidade, assim como o bebê vai se adaptando à família que possui.

Ressonâncias de uma Observação

Referências

- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise*. Trad. J. Salomão. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1963. Título original: Elements of Psycho-analysis).
- Bick, E. (2019). *Notas sobre a observação de bebês na prática psicanalítica*. Trad. A. T. C. P. Abdala. Berggasse 19, Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, 9 (2), 65-84.
- Freud, S. (2010). *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In Sigmund Freud, Obras Completas*. (p. 377-381). Trad. P.C. Souza. vol.14, São Paulo: Companhia das Letras. (Texto originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (2010). *A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In Sigmund Freud, Obras Completas*. (p. 124-230). Trad. P.C. Souza. vol. 17, São Paulo: Companhia das Letras. (Texto originalmente publicado em 1926).
- Freud, S. (1969). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (p. 247-287) Trad. J. Salomão. vol. 23, Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1939).
- Kirchbaum, I. (2008). Um bebê se desenvolve: reações a situações de frustração. In Mélega & M. C. Sonzogno (Orgs.), *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância* (p. 59-62). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In Klein, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. (p. 17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).
- Winnicott, D. W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (p. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).

Regiana Lamartine Rodrigues
regiana.lamartine@gmail.com